

A emergência de costumes híbridos no Cristianismo do século III: reflexões sobre indumentária, decoração e culto privado

The emergence of hybrid customs of Christianity in the III century: reflections on clothing, decor and private worship

LUDIMILA CALIMAN CAMPOS*

Doutoranda em História Social das Relações Políticas na Universidade Federal do Espírito Santo

Doctoral student in Social History of Political Relations at the Federal University of the Espírito Santo

RESUMO O presente artigo tem como principal objetivo analisar a emergência dos costumes híbridos no Cristianismo, ao longo do século III, na ambiência do Império Romano. Para este fim, vamos adentrar no campo da indumentária feminina e da decoração das casas romanas, por meio dos escritos deixados pelos norte-africanos Tertuliano e Clemente de Alexandria. Paralelamente a isso, tratamos do surgimento das devoções aos ícones, como uma das formas iniciais de hibridismo cultural empreendidas no seio do culto privado cristão.

PALAVRAS-CHAVE religião, Império Romano, costumes, culto privado, hibridismo.

ABSTRACT This article is meant to examine the emergence of hybrid customs in Christianity throughout the third century. For this, we enter the field of women's clothing and decoration of Roman houses with emphasis on the writings of Tertullian and Clement of Alexandria. Furthermore, we treat the appearance of the images devotions as one of the earliest forms of cultural hybridity within the private Christian worship.

KEYWORDS religion, Roman Empire, custom; private worship; hybridism.

* Ludimila Caliman Campos é estudante de doutorado da Universidade Federal do Espírito Santo no curso de pós-graduação em História Social das Relações Políticas sob a orientação do Dr. Gilvan Ventura da Silva. Ela é, atualmente, bolsista da CAPES. / *Ludimila Caliman Campos is a doctoral student of Universidade Federal do Espírito Santo in the course of Postgraduate Social History of Political Relations under the guidance of Dr. Gilvan Ventura da Silva. She is currently a scholarship from CAPES.*

When we enter into the search field of the habits and customs of a given community, were wrapped in a series of symbolic and cognitive aspects of the field that can not be overlooked. Considering that the study proposed herein attempts to elucidate the formation of religious customs hybrid order in Christianity, our attention will turn to certain events within the visual representations in order to distance ourselves not the focus of our proposal. From the sources consulted, we believe that the analysis of choices and habits of dress and decoration of some Christian circles, it being understood these artistic manifestations¹ as it is crucial for an initial understanding of the construction of identities in these communities.² That's because the clothing, for example, not only serves to protect the body or as a simple prop, but it is part of everyday life, the human *habitus*, translating personal and collective identities, being connected to psychological factors, political, economic and sociocultural.³ Furthermore, we understand that the perception of adopting certain props, clothing and home furnishings, it is possible to achieve forms of representation and behavior of a given epoch, demonstrating and characterizing regulatory and social pressures systems. It is also clear that the clothing and home furnishings identifies, labels, inserts or deletes the individual in a

Quando adentramos no campo de pesquisa dos hábitos e dos costumes de uma dada comunidade, ficamos envolvidos em uma série de aspectos do campo simbólico e cognitivo que não podem ser desprezados. Considerando-se que o estudo ora proposto busca elucidar a formação de costumes religiosos de ordem híbrida no Cristianismo, nossa atenção se voltará para determinadas manifestações no âmbito das representações visuais, a fim de não nos distanciarmos do foco de nossa proposta. Com base nas fontes consultadas, julgamos que a análise das escolhas e dos hábitos de indumentária e de decoração de ambientes de alguns cristãos, entendendo-se tais como manifestações artísticas,¹ é fundamental para uma compreensão inicial da construção das identidades nestas comunidades.² Isto porque o vestuário, por exemplo, não serve apenas para proteger o corpo ou como um simples adereço, mas é parte integrante do cotidiano, do *habitus* humano, traduzindo identidades pessoais e coletivas, estando ligado a fatores de natureza psicológica, política, econômica e sociocultural.³ Além disso, entendemos que, com a percepção da adoção de determinados adereços, vestimentas e decoração de ambientes, é possível alcançar formas de representação e de comportamentos de uma dada época, demonstrando e caracterizando sistemas de regulação e de pressões sociais. É evidente,

¹ We should emphasize that, due to the influence of Greek culture, certain decorations (ambientations), clothing, makeup and hairstyles could be considered works of art. A well dressed and painted and adorned women tended to consider itself a work of art (OSLON, 2008).

² Tomaz Tadeu da Silva (2000), along with other theorists, proposes several testimonials about the binary oppositions established by sociological concepts of identity and difference. According to Silva (2000), the difference as such simply is the identity, and they are inseparable. Both are actively produced and “cannot be understood, therefore, outside the systems of signification in which acquire meaning” (p. 78, 2000). In addition, the dynamic identity-difference consists subject to social relationships of power plots, and both imposed and played. It is important to realize that identity is a strategic and positional concept that emerges in the game of power and exclusion. The identification process is always under construction, and operating through the *differance*.

³ The concept of *habitus* coined by Pierre Bourdieu (2003), denotes a generator principle practices. The *habitus* produces distinct and distinctive practices, marked by classificatory schemes, principles of vision and division of different tastes. One of the main functions of *habitus* is to account for the unity of style, because style is a differentiating feature of fields (something typical of artists, who need to distinguish particular styles in order to add value to his own work).

¹ Devemos ressaltar que, por causa de influência da cultura grega, determinadas decorações (ambientações), vestimentas, maquiagens e penteados poderiam ser considerados obras de arte. Uma mulher bem adornada, bem vestida e pintada tendia a considerar a si mesma uma obra de arte (OSLON, 2008).

² Tomaz Tadeu da Silva (2000), junto a outros teóricos, propõe diversas apreciações acerca das oposições binárias estabelecidas pelos conceitos sociológicos de identidade e de diferença. De acordo com Silva (2000), a diferença tal qual a identidade simplesmente existe, e elas são inseparáveis. Ambas são ativamente produzidas e “*não podem ser compreendidas, pois, fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido*” (p. 78, 2000). Além disso, a dinâmica identidade-diferença é composta por relações sociais sujeitas às conspirações de poder, sendo ambas impostas e disputadas. É importante perceber que a identidade é um conceito estratégico e posicional que emerge no jogo de poder e na exclusão. A identificação está sempre em processo, em construção, e operando por meio da *differance*.

³ O conceito de *habitus*, cunhado por Pierre Bourdieu (2003), denota um princípio gerador de práticas. O *habitus* produz práticas distintas e distintivas, sendo marcado por esquemas classificatórios, princípios de visão, de divisão e de gostos diferentes. Uma das principais funções de *habitus* é dar conta da unidade de estilo, pois o estilo é uma característica de diferenciação de campos (algo próprio dos artistas, que precisam se distinguir em estilos particulares a fim de agregar valor à sua própria obra).

ainda, que a indumentária e a decoração de ambientes identificam, rotulam, excluem ou inserem o indivíduo em um determinado contexto ou grupo social. Com a compreensão desses hábitos é que poderemos perceber como se deram as primeiras confecções de ícones entre os cristãos.

No conjunto de abordagens para a problemática dos hábitos e dos costumes cristãos no século III, a indumentária, em especial a feminina, parece ter ganhado significativo destaque entre os clérigos.⁴ O próprio Clemente de Alexandria, em seu contra-ataque à aristocracia de Alexandria que, segundo ele, “vivia uma vida no luxo”, disse o seguinte sobre a vestimenta:

Portanto o uso de ouro e de roupas finas não é para ser inteiramente proibido. Mas impulsos irracionais devem ser controlados, para que, transportando-nos para longe através do relaxamento excessivo, os quais nos impelem à voluptuosidade (*Pedag.*, III, XI, 1).⁵

O instrutor nos permite, então, usar roupas simples e de cor branca [...]. De modo que, acomodando-nos a arte não variegada, mas a natureza como ela é produzida, e afastando tudo o que é enganoso e esconde a verdade, podemos abraçar a uniformidade e a simplicidade da verdade. Sófocles, repreendendo um jovem, diz: “Não se enfeite com roupas femininas.” [...] Daí também na lei sobre lepra, tal qual promulgada por Moisés, ele rejeita aquilo que possui muitas cores e manchas, como as diversas escalas da cobra. Ele deseja, portanto, que o homem já não se vista com grande variedade de cores, mas todo de branco – do topo da cabeça até a planta dos pés, a fim de ser limpo e de modo, através de uma transição a partir do corpo, a poder deixar de lado as paixões variadas e versáteis do homem, e amar a cor invariável, inequívoca e simples da verdade. Platão também [...] aprovava a cor branca para as roupas. (*Pedag.*, III, XI, 2, grifo nosso).⁶

A Palavra nos proíbe fazer violência à natureza ao furar os lóbulos das orelhas. Muito menos furar o nariz – para que, o que foi dito, possa ser cumprido: “Como um brinco no nariz de um porco, assim é a beleza de uma mulher sem discrição” (*Prov.* 11:22). Para

particular context or social group. Will be based on the understanding of these habits that we can understand how we got the first confections icons among Christians.

On the set of approaches to the problem of the habits and customs of Christians in the third century, the clothing, especially female, appears to have gained significant prominence in the clergy.⁴ The Clement of Alexandria itself, in its counter-attack against the aristocracy of Alexandria, he said, “a life lived in luxury”, said the following about the dress:

Therefore the use of gold and fine clothing is not to be entirely prohibited. But irrational impulses should be controlled so that, carrying us away through excessive relaxation, which impel us to voluptuousness (*Pedag.*, III, XI, 1).⁵

The instructor allows us to then use simple color white clothes [...]. So accommodating us not variegated art, but nature as it is produced, and excluding everything that is misleading and hides the truth, we can embrace the uniformity and simplicity of truth. Sophocles, berating a young, say: “Do not garnish with women’s clothing “ [...] Hence also the law of leprosy, as is promulgated by Moses, he rejects what has many colors and stains , as the various scales of snake. He will, therefore, that man is no longer viewed with great variety of colors, but all in white - the top of the head to the soles of the feet in order to be clean and in order, through a transition from body the power to set aside the varied and versatile passions of man, and love the invariant , unambiguous and simple color of truth . Plato also [...] approve of white color for the clothes (*Pedag.*, III, XI 2 emphasis added) .⁶

The Word forbids us to do violence to nature to

⁴ Nos primeiros séculos do Cristianismo, as mulheres eram ora condenadas, ora exaltadas nos discursos eclesiais. Quando elas cometiam algum ato digno de punição, as “penas” tendiam a ser mais duras. No entanto, muitas conseguiram ascender a patamares considerados altos na *ekklesia* como diaconisas, monjas e matronas patrocinadoras. Além disso, nos séculos III e IV, uma série de mártires mulheres será divinizada, bem como a devoção à própria Maria vai se destacar, valorizando ainda mais o gênero no meio eclesial (ALEXANDRE, 1992).

⁵ ALEXANDRIA, Clemente de. The Pedagogus. In: SCHAFF, P. *The Early Church Fathers: Ante Nicene Fathers*. v.3, Edimburgo: T&T Clark, 2009.

⁶ ALEXANDRIA, Clemente de. The Pedagogus. In: SCHAFF, P. *The Early Church Fathers: Ante Nicene Fathers*. v.3, Edimburgo: T&T Clark, 2009.

⁴ In the early centuries of Christianity, women were sometimes condemned, sometimes exalted in ecclesiastical discourse. When they committed some act worthy of punishment, the “feathers” tended to be tougher. However, many managed to rise to levels considered high in the *ekklesia* as deacons, nuns and sponsors matrons. Furthermore, the third and fourth centuries, a number of women martyrs is deified, as well as devotion to Mary herself will stand out, enhancing further the genre in the ecclesiastical environment (ALEXANDER, 1992).

⁵ ALEXANDRIA, Clemente de. The Pedagogus. In: SCHAFF, P. *The Early Church Fathers: Ante Nicene Fathers*. v.3, Edimburgo: T&T Clark, 2009.

⁶ ALEXANDRIA, Clemente de. The Pedagogus. In: SCHAFF, P. *The Early Church Fathers: Ante Nicene Fathers*. v.3, Edimburgo: T&T Clark, 2009.

pierce their earlobes. Much less stick your nose - so, what was said, might be fulfilled: "As an earring in the nose of a pig, so is the beauty of a woman without discretion" (Prov. 11:22). For those who think being beautiful to use gold, becomes less than the gold, and who is inferior to gold is not his master. But confess yourself as less ornamental than the Lydian ore is monstrous! (Pedag., III, XI, 3).⁷

We observed that Clement, as a good Athenian and a master of Neoplatonic philosophy, the arguments made use of Greek philosophy, with references to Plato and Sóclofes in order to legitimize his speech and to repudiate the luxury of dress, both male and female.⁸

Clement understood that the clothes had a specific function: body coverage, beyond the protection of cold and heat. Adorn the clothing of those who lived paper would be for the world and not to God (Pedag., II, XI).⁹ The passage also shows there are women who converted to Christianity and remained with the same garments worn when they were pagan. These women, from families of Alexandrian aristocracy, seem unwilling to relinquish these customs.¹⁰ On the other hand, Clement wanted Christians to walk in unity of thought and morals, as the emphasis stretch, if necessary, for this, the newly converted Christians would give up the old way of dressing.

Some images from Roman catacombs confirm that many women did not adhere to the dress code

quem pensa ser bela ao usar o ouro, torna-se inferior ao ouro, e quem é inferior ao ouro não é o senhor dele. Mas confessar a si mesmo como menos ornamental do que o minério de Lídio é algo monstruoso! (Pedag., III, XI, 3).⁷

Observamos que Clemente, como um bom ateniense e um mestre da filosofia neoplatônica, lançou mão dos argumentos da filosofia grega, com referências a Sóclofes e a Platão, de modo a legitimar seu discurso e a repudiar o luxo da indumentária, tanto masculina quanto feminina.⁸

Clemente entendia que as roupas tinham uma função específica: cobertura do corpo, além da defesa do frio e do calor. Ornar a vestimenta seria papel daqueles que viviam para o mundo e não para Deus (Pedag., II, XI).⁹ O trecho mostra, ainda, haver mulheres que se convertiam ao Cristianismo e que permaneciam com as mesmas vestimentas usadas quando eram pagãs. Essas mulheres, provenientes de famílias da aristocracia alexandrina, parecem não querer abdicar desses costumes.¹⁰ Por outro lado, Clemente desejava que os cristãos andassem em uma unidade de pensamento e de costumes, conforme o trecho grifado, sendo necessário, para isso, que os cristãos recém-convertidos abrissem mão do antigo modo de se vestir.

Algumas imagens provenientes de catacumbas romanas ratificam que muitas mulheres não aderiam à vestimenta idealizada pelos bispos [Figuras 1 e 2]. Tais figuras revelam, pela precisão nas feições, que se tratava de representações de mulheres

⁷ ALEXANDRIA, Clemente de. The Pedagogus. In: SCHAFF, P. *The Early Church Fathers: Ante Nicene Fathers*. v.3, Edimburgo: T&T Clark, 2009.

⁸ The dialogue between Christianity and Greek philosophy was ancient, but was intensified by the growth of the ascetic movement within the *ekklesia*, Clement of Alexandria being a key figure this occurs.

⁹ ALEXANDRIA, Clemente de. The Pedagogus. In: SCHAFF, P. *The Early Church Fathers: Ante Nicene Fathers*. v.3, Edimburgo: T&T Clark, 2009.

¹⁰ When we talk about "family", more specifically "Roman aristocratic family", we define some terms. The Latin words *gens*, family, *domus*, *nomen*, and *stirps* *gens* have been translated by some anthropologists and historians as "family", considering the big difference of the term when applied to medieval and modern "family," revealing the risks of typing. The *gens* and family are characterized by lineage that preserves the same name, noting that the term family is used sometimes to give a sense of *gens*. For relatives and aggregates, used the term *domus* (CORBIER, 1991).

⁷ ALEXANDRIA, Clemente de. The Pedagogus. In: SCHAFF, P. *The Early Church Fathers: Ante Nicene Fathers*. v.3, Edimburgo: T&T Clark, 2009.

⁸ O diálogo entre o Cristianismo e a filosofia grega já era antigo, mas foi aprofundado com o crescimento do movimento asceta dentro da *ekklesia*, sendo Clemente de Alexandria uma figura fundamental para isso ocorrer.

⁹ ALEXANDRIA, Clemente de. The Pedagogus. In: SCHAFF, P. *The Early Church Fathers: Ante Nicene Fathers*. v.3, Edimburgo: T&T Clark, 2009.

¹⁰ Quando falamos em "família", mais especificamente em "família aristocrática romana", devemos definir alguns termos. Os vocábulos latinos *gens*, *familia*, *domus*, *nomen*, *gens* e *stirps* têm sido traduzidos por alguns antropólogos e historiadores como "família", considerando-se a grande diferença do termo quando aplicado à "família" medieval e moderna, o que revela os riscos da tipificação. O *gens* e a *familia* são caracterizados pela linhagem que preserva o mesmo nome, notando-se que o termo *familia* é usado, às vezes, para dar um senso de *gens*. Para os parentes e agregados, usava-se o termo *domus* (CORBIER, 1991).

reais. A Figura 1 mostra uma mulher bem vestida, provavelmente aristocrata. Ela usa brincos, um colar, um véu e uma roupa bastante ornada. Já a Figura 2 retrata uma jovem chamada *Dionysas*, como pode ser atestado pelo registro epigráfico. Abaixo do nome “Dionysas” está escrito *In pace*, isto é, Dionísia, descanse em paz. O corpo de Dionísia deve ter sido depositado nessa catacumba e a sua figura retratada como uma forma de homenagem a ela. De igual modo, a jovem está bem ornada, utilizando brincos, colar e um véu. É perceptível, ainda, uma maquiagem vibrante nos olhos e no rosto.

As representações ora descritas parecem ter sido de matronas, haja vista estarem envoltas em uma túnica como mostram seus retratos pintados. Tais imagens comprovam que a estética impecável e a opulência eram fundamentais para a manutenção do *status quo* das mulheres integrantes da aristocracia, mesmo se elas fossem cristãs. Importa ressaltar que as representações em questão indicam, pelo *modus vivendi* híbrido adotado por essas mulheres, que elas transitavam entre os espaços cristãos e pagãos.

As imagens nos fazem supor que, se a vestimenta de alguns cristãos pouco mudava quando eles se convertiam ao Cristianismo, a decoração de suas casas também deveria ter permanecido a mesma. Clemente confirma tal informação, quando fala acerca de ornamentos decorativos. Ele assevera o seguinte:

E assim o uso de copos feitos de prata, de ouro e de outros materiais, incrustados com pedras preciosas está fora de lugar, sendo apenas um engano da visão. Porque, se você derramar qualquer líquido quente dentro deles, os vasos tornam-se quentes e para tocá-los é doloroso. [...] Sofás, painéis, tigelas e pires de prata, e além destes, vasos de prata e ouro, alguns para servir comida, e outros para outros usos que eu tenho vergonha de citar, de cedro e madeira facilmente dão fissura. Móveis com tripés de marfim, e sofás com pés de prata e incrustados com marfim, e camas cravejadas de ouro, com carapaças de tartaruga, além de roupas de cama das cores roxas e outras difíceis para produzir, provam o luxo de um mau gosto, fortes dispositivos da inveja e efeminação. Tais devem ser todos abandonados, pois nada valem a pena para as nossas dores. Isso porque o tempo é curto, como diz o apóstolo. [...] Por sua vez eu aprovo Platão que claramente diz como forma de lei que o homem não deve trabalhar para a riqueza de ouro ou prata, nem para possuir um vaso inútil que não é necessário para finalidade alguma (*Pedag.*, II, III).¹¹

¹¹ ALEXANDRIA, Clemente de. The Pedagogus. In: SCHAFF, P. *The Early Church Fathers: Ante Nicene Fathers*. v.3, Edimburgo: T&T Clark, 2009.

idealized by the bishops (Fig. 1 and 2). These figures reveal, the accuracy in the features, it was representations of real women. Figure 1 shows a probably aristocrat dressed woman. She wears earrings, a necklace, a veil and a rather ornate clothing. Have Figure 2 depicts a young woman named Dionysas, as can be attested by epigraphic record. Under the name “Dionysas in pace” is written (ie: Dionysia, rest in peace.). The body of Dionysia may have been deposited in this vault and your figure portrayed as a form of tribute to her. Similarly, the young woman is using well adorned earrings, necklace and veil. It is noticeable also a vibrant eye makeup and face.

The representations described herein appear to have been of matrons, considering they are wrapped in a tunic as shown by their portraits painted. These images show that the impeccable aesthetics and opulence were essential to maintaining the status quo of women members of the aristocracy, even if they were Christian. It is noteworthy that the representations in question indicate the hybrid *modus vivendi* adopted by these women, they transitioned spaces between Christians and pagans.

The images make us suppose that, if the dress of some Christians little changed when they were converted to Christianity, the decoration of their homes should also have remained the same. Clement confirms this information when talking about decorative ornaments. He asserts the following:

And so the use of cups made of silver, gold and other materials, inlaid with precious stones is out of place, being just a mistake of vision. Because if you spill any hot liquid inside them, the vessels become hot and touching them is painful. [...] Sofas, pans, bowls and saucers of silver, and beyond these, vessels of silver and gold, some for serving food, and others for other uses I’m ashamed to quote, and cedar wood give easily crack. Furniture with tripods ivory, and couches with silver feet and inlaid with ivory, gold and studded beds, with tortoise-shell, and bedding of purple colors and other difficult to produce, taste the luxury of a bad taste, strong provisions of envy and effeminacy. These should all be abandoned, because nothing worthwhile for our pains. That’s because time is short, as the apostle says. [...] In turn I approve Plato clearly says that as a form of law that man should not work for the wealth of gold or silver, or to possess a useless vessel that is not required

for any purpose (*Pedag.*, II III).¹¹

Again quoting Plato, Clement makes clear that the luxury and refinement should not be a priority in the lives of Christians, but the simplicity of a humble and chaste life. We must pay attention to the fact that if Clement was writing about it, it is evident that there was *domus* belonging to Christian families decorated this way.

The aristocratic houses used to impose its magnificence from the entrance (THÉBERT, 2009).¹² Fixed along with the houses decorations, internal ornaments should be consistent with the architecture of the property. It is noteworthy that the *decor*¹³ in the Roman world is very much linked to the denotation of *auctoritas*, giving approval to the individual who owns (PERRY, 2011).¹⁴ The highborn received their guests in rooms decorated eclectically so much to show a prestige to expose valuables as contrasting with the house of the clientele (THÉBERT, 2009).¹⁵ It was all part of an advertisement idealized by the aristocracy under the sociability to an external manifestation of power. In the context of Christian ascetics ideas, rooted in the thinking of neo-Platonic and Stoic philosophy, would acquire decorative ornaments, plus an indication of pagan practice, denoting excess of vanity, folly, or even a potential result of the sin of pride, as noted in speech of Bishop Clement of Alexandria.

Besides Clemente, the North African Tertullian also dedicated one of his works to the appearance

Mais uma vez citando Platão, Clemente deixa bem claro que o luxo e o requinte não deveriam ser prioridade na vida dos cristãos, mas a simplicidade de uma vida humilde e casta. Devemos atentar para o fato de que, se Clemente estava escrevendo acerca disso, fica evidente que havia *domus* pertencentes a famílias cristãs, decorados dessa maneira.

As casas aristocráticas costumavam impor sua magnificência desde a entrada (THÉBERT, 2009).¹² Com decorações fixas ao longo das casas, os ornamentos internos deveriam se coadunar com a arquitetura da propriedade. Vale ressaltar que a *decor*¹³ no mundo romano está muito ligada à denotação de *auctoritas*, dando aprovação àquele que a possui (PERRY, 2011).¹⁴ Os bem-nascidos recebiam seus convidados em salas ecleticamente decoradas de modo tanto a evidenciar um prestígio ao expor bens de valor quanto a contrastar com a casa da clientela (THÉBERT, 2009).¹⁵ Tudo fazia parte de uma propaganda idealizada pela aristocracia no âmbito da sociabilidade para uma manifestação externa de poder. No contexto das ideias cristãs ascetas, ancoradas no pensamento da filosofia neoplatônica e estoica, adquirir ornamentos decorativos seria, além de um indicativo de prática pagã, denotativo de excesso de vaidade, tolice, ou mesmo um potencial fruto do pecado da soberba, conforme observamos no discurso do bispo Clemente de Alexandria.

Além de Clemente, o também norte-africano Tertuliano dedicou um de seus trabalhos à aparência das mulheres. Ele assevera que:

¹¹ ALEXANDRIA, Clemente de. The Pedagogus. In: SCHAFF, P. *The Early Church Fathers: Ante Nicene Fathers*. v.3, Edimburgo: T&T Clark, 2009.

¹² THÉBERT, Y. A Vida Privada e Arquitetura Doméstica na África Romana. In: *História da Vida Privada: do Império Romano ao Ano mil*. São Paulo: Companhia de bolso, 2009.

¹³ About decorative ornaments in the Roman world, we must understand that in the context of the arts, the term *decor* (unlike term *decorum*, which is more usual in the ethnic sense) is applied to the aesthetic sense, being tied to a property that is decorated, ornamented. The *decor* word to mean a work of impeccable appearance, having been adopted by follow the aesthetic principles of the time and Convention Authority (PERRY, 2011).

¹⁴ PERRY, E. *The Aesthetics of Emulation in the Visual Arts of Ancient Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

¹⁵ THÉBERT, Y. A Vida Privada e Arquitetura Doméstica na África Romana. In: *História da Vida Privada: do Império Romano ao Ano mil*. São Paulo: Companhia de bolso, 2009.

¹² THÉBERT, Y. A Vida Privada e Arquitetura Doméstica na África Romana. In: *História da Vida Privada: do Império Romano ao Ano mil*. São Paulo: Companhia de bolso, 2009.

¹³ Acerca dos ornamentos decorativos no mundo romano, devemos entender que, no contexto das artes, o termo *decor* (diferentemente do termo *decorum*, que é mais usual no sentido étnico) é aplicado ao senso estético, estando atrelado a uma propriedade que é decorada, ornamentada. O vocábulo *decor* significa um trabalho de aparência irrepreensível, tendo sido aprovado por seguir os princípios estéticos da época e a autoridade de convenção (PERRY, 2011).

¹⁴ PERRY, E. *The Aesthetics of Emulation in the Visual Arts of Ancient Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

¹⁵ THÉBERT, Y. A Vida Privada e Arquitetura Doméstica na África Romana. In: *História da Vida Privada: do Império Romano ao Ano mil*. São Paulo: Companhia de bolso, 2009.

[...] a redução das despesas com o esplendor também deve ser o objeto de seus cuidados [das mulheres]. Para que exibam no seu rosto temperança e singeleza, e uma simplicidade totalmente digna da disciplina divina, mais do que investir todas as outras partes do corpo com os absurdos luxuosos de pompas e delícias [...] Primeiro, então, [irmãs], [tomem cuidado] para não utilizar trajes espalhafatosos e próprios do vestuário de uma prostituta; e, se, por uma questão das exigências da riqueza, do nascimento, ou das dignidades do passado, for obrigada a aparecer em público tão maravilhosamente vestida [...] tome cuidado para temperar um mal deste tipo; para que, sob o pretexto de necessidade, você dê a rédea, sem restrição, para a indulgência de licença (*A apar. das mulheres*, I, IX).¹⁶

Em um trecho final, Tertuliano evidencia ao público o motivo pelo qual ele escreveu sua obra disciplinar.

Além disso, o que faz com que você tenha de aparecer em público com grandeza excessiva, como você se apresenta nas ocasiões que exigem essas exposições? Para você não fazer o circuito dos templos, nem a demanda (para estar presente) nos espetáculos públicos, nem ter qualquer familiaridade com os dias santos dos gentios. Agora é para o bem de todas essas reuniões públicas, muito ver e ser visto, que todas as pompas [do vestir] estão expostas aos olhos do público, quer para o fim de praticar o comércio de voluptuosidade, ou de inflar a glória. Você, no entanto, não tem motivos para aparecer em público, exceto como uma pessoa séria. Ou algum irmão que está doente é visitado, ou então o sacrifício é sofrido, ou então a palavra de Deus é dispensada. Independentemente disso, eu gostaria de citar que é um negócio da sobriedade e da santidade, não exigindo traje extraordinário, com [grande] arranjo [de devassa] negligência. Por que amizade com os gentios a impede de sair vestida com sua própria armadura, [e] tudo o mais, na medida em que [você tem que ir] para com os estranhos da fé? Então, que entre as servas de Deus e do diabo, pode haver uma diferença, de modo que você pode ser um exemplo para elas, e elas podem ser edificadas em você, de modo que [como diz o apóstolo] Deus deve ser glorificado pelo seu corpo. [...] Bem, é instado por alguns deixar que o Nome de Deus não seja blasfemado em nós, se fizermos qualquer mudança depreciativa do nosso velho estilo de vestido. [...] Blasfêmia grande é aquela pela qual é dito: “Desde que ela se tornou uma cristã, ela só usa os piores trajes!”. Será que você tem medo de aparentar ser mais pobre, a partir do momento que você se torna mais rica, e suja

of women. He asserts that the reduction

expenditure with the splendor should also be the object of your care [of women]. For display on your face temperance and simplicity, and a fully dignified simplicity of divine discipline, rather than investing all other parts of the body with luxurious absurdities of pompas and delights [...] First, then, [sisters], [be careful] not to use flashy costumes and own a clothing whore, and if, for the sake of the demands of wealth, birth, or the dignities of the past, is forced to appear in public dressed so beautifully [...] be careful to temper an evil of this kind, so that, under the guise of need, you give the rein, without restriction, to the indulgence of license (*The apar. women*, I, IX).¹⁶

In a final section, Tertullian shows the public why he wrote his disciplinary work.

Also, what makes you have to appear in public with excessive grandeur, how you present yourself on the occasions that require these exhibitions? For you not to make the circuit of the temples, nor the demand (to be present) in public spectacles, nor have any familiarity with the saints days of the Gentiles. Now it is for the good of all these public meetings, a lot to see and be seen, all the trappings [of dress] are exposed to the public eye and for the purpose of transacting the trade of voluptuousness, or inflate the glory. You, however, has no reason to appear in public, except as a serious person. Or any brother who is sick is visited, or else the sacrifice is undergone, or the word of God is dispensed. Regardless, I would like to mention that it is a business of sobriety and holiness, without requiring extraordinary costume, with [great] arrangement [wanting] negligence. Why friendship with the Gentiles to prevent out dressed in his armor, [and] everything else, to the extent that [you have to go] to strangers faith? So that among the servants of God and the devil, there may be a difference, so you can be an example to them, and they can be built into you, so that [as the Apostle says] God should be glorified by body. [...] Well, it is urged by some let the Name of God be not blasphemed

¹⁶ TERTULIANO, On the Apparel of Women. In: SCHAFF, P. *The Early Church Fathers: Ante Nicene Fathers*. v.3, Edimburgo: T&T Clark, 2009.

¹⁶ TERTULIANO, On the Apparel of Women. In: SCHAFF, P. *The Early Church Fathers: Ante Nicene Fathers*. v.3, Edimburgo: T&T Clark, 2009.

in us, if we make any derogatory change from our old style dress. [...] Great blasphemy that is why it is said: “Since she became a Christian, she only uses the worst costumes! “Did you fear appear to be poorer, from the moment you become richer, and dirty [morally detestable], from the time that you were made cleaner? It is in accordance with the decree of Gentiles or according to God’s decree that establishes the Christian walk? (*The apar. women*, II, XI, our emphasis).¹⁷

He further stated the following in a subsequent chapter:

Let’s just wish there could be no reason for blasphemy! But the more provocative blasphemy is why you, which are called the modest priestesses, should appear in public dressed and painted in the manner of dishonest? [...] While some laws were created to contain the [use of] marriage decorations and matronly now, at all events, the depravity increases with age and every day, equaling nearly all women [...] is difficult to distinguish them. And yet, even the Scriptures suggest that the attraction to the flashy stuff is invariably coupled to prostitution and appropriate body. (*The apar. women*, II, XII, emphasis added).¹⁸

We must realize that the clothes, ornaments and decoration of houses are part of the symbolic system capable of expressing social status, wealth, power and reflect values, which reveal themselves as brands of human experience and the intentional attitude of people (OSLON, 2006).¹⁹ In the case of clothing, as an important tool of social regulation, by being based on a system of signs that reflect and help build the social order, that directly reveals the status of women, for example, and the ideals of female behavior in the context of perception. Through excerpts of the speech of Tertullian we can say that wealthy women of Carthage prized

[moralmente detestável], a partir do momento que você foi feita mais limpa? É de acordo com o decreto de gentios ou de acordo com o decreto de Deus que se estabelece o caminhar cristão? (*A apar. das mulheres*, II, XI, grifos nossos)¹⁷

Ele ainda afirma o seguinte no capítulo subsequente:

Vamos apenas desejar que pudesse não haver motivo para blasfêmia! Mas quanto mais a blasfêmia é provocativa, por que é que vocês, as quais são chamadas de sacerdotisas modestas, devem aparecer em público vestidas e pintadas à maneira das desonestas? [...] Enquanto foram criadas algumas leis para conter o [uso de] decorações matrimoniais e matronais, agora, em todos os eventos, a depravação aumenta conforme a idade e dia a dia, igualando quase todas as mulheres [...] sendo difícil de distingui-las. E, no entanto, até mesmo as Escrituras sugerem que a atração às coisas espalhafatosas é invariavelmente conjugada e apropriada à prostituição do corpo (*A apar. das mulheres*, II, XII, grifos nossos).¹⁸

Devemos perceber que as roupas, os adornos e a decoração das casas são parte do sistema simbólico capaz de expressar *status* social, riqueza, poder e refletir valores, os quais se revelam como marcas da experiência humana e da atitude intencional das pessoas (OSLON, 2006).¹⁹ No caso da indumentária, como importante ferramenta de regulação social, por ser baseada no sistema de signos que refletem e que ajudam a construir a ordem social, tal revela diretamente o *status* da mulher, por exemplo, e os ideais do comportamento feminino no âmbito da autopercepção. Por meio dos excertos extraídos do discurso de Tertuliano, podemos afirmar que as ricas mulheres de Cartago prezavam pela ostentação e pelo requinte excessivo – no olhar dos bispos. Elas haviam se convertido, mas não estavam dispostas a abandonar os espaços públicos que sempre frequentaram antes de abraçarem a fé cristã. Muito pelo contrário, elas vão continuar transitando pelos mesmos locais e portando os mesmos trajes e pompas

¹⁷ TERTULIANO, On the Apparel of Women. In: SCHAFF, P. *The Early Church Fathers: Ante Nicene Fathers*. v.3, Edimburgo: T&T Clark, 2009.

¹⁸ TERTULIANO, On the Apparel of Women. In: SCHAFF, P. *The Early Church Fathers: Ante Nicene Fathers*. v.3, Edimburgo: T&T Clark, 2009.

¹⁹ OSLON, Kelly. *Dress and the Roman Woman: Self-Presentation and Society*. Nova York: Routledge, 2006.

¹⁷ TERTULIANO, On the Apparel of Women. In: SCHAFF, P. *The Early Church Fathers: Ante Nicene Fathers*. v.3, Edimburgo: T&T Clark, 2009.

¹⁸ TERTULIANO, On the Apparel of Women. In: SCHAFF, P. *The Early Church Fathers: Ante Nicene Fathers*. v.3, Edimburgo: T&T Clark, 2009.

¹⁹ OSLON, Kelly. *Dress and the Roman Woman: Self-Presentation and Society*. Nova York: Routledge, 2006.

habituais, próprios da sociedade pagã.

Muitas mulheres não aceitavam os conselhos dos sacerdotes, porque, para a cultura romana na qual elas se viam inseridas, estarem bem vestidas as elevava ao *status* de pessoa distinta, digna de admiração. Tais mulheres eram vistas como um espetáculo social ao ficarem em evidência por causa de seus trajes. Clemente fala abertamente acerca do suposto desejo que elas tinham de serem vistas e admiradas por todos (*Pedag.*, II, XIII).²⁰ Cabe destacar que, na sociedade romana, o *status* social do indivíduo era indicado não somente pela posição que ele ocupava nem apenas pelo estilo de vida que levava; mas, acima de tudo, pelos aspectos exteriores que ele apresentava, fosse por meio da indumentária, fosse pela decoração de sua residência. Motivo este para a confecção de estátuas dos homens públicos ser tão comum no mundo imperial romano (VEYNE, 2009).²¹

Por outro lado, para o bispo, as mulheres cristãs, além de não deverem gastar tempo com o luxo e com o requinte, precisavam se diferenciar das outras, como as prostitutas e como as pagãs, de modo a não macular a própria imagem da *ekklesia*. Segundo Tertuliano, a não diferenciação das mulheres na sociedade romana era uma ameaça à própria identidade do Cristianismo, haja vista que elas estavam vinculadas à *ekklesia*.²² Se, por um lado, a utilização de adereços, por exemplo, estava associada, além de à conquista erótica e à sedução, também à falta de controle, à vaidade, à ganância e à futilidade – algo inaceitável para os bispos; por outro, os acessórios caros denotavam poder econômico e influência social, sendo necessários a fim de que a aristocracia mantivesse os limites de demarcação, distinção e distância social. Para grande parte da sociedade greco-romana, a riqueza era celebrada como uma virtude em contraposição à pobreza, vista como um vício ou como um defeito (VEYNE, 2009).²³ Os bispos, com

by ostentation and excessive refinement - in the eyes of bishops. They had converted, but were not willing to abandon the public spaces that always attended before embracing the Christian faith. Rather, they will continue transiting the same places and the same costumes and carrying own usual trappings of pagan society.

Many women did not accept the advice of the priests, because, to the Roman culture in which they found themselves inserted, being well dressed rose to the status of a distinct, worthy of admiration person. These women were seen as a social spectacle to become evident because of their attire. Clement speaks openly about the supposed wish that they had to be seen and admired by everyone (*Pedag.*, II, XIII).²⁰ It is noteworthy that, in Roman society, the social status of the individual was indicated not only by the position he occupied not only by the style of life she led, but , above all, the externals he had, either through the clothing, was due to the decor of your home. This reason for making statues of public men is so common in the Roman imperial world (VEYNE, 2009).²¹

On the other hand, for the bishop, Christian women, in addition to being not spend time with the luxury and refinement, needed to differentiate from others, such as prostitutes and pagan, so as not to tarnish the very image of *ekklesia*. According to Tertullian, the lack of differentiation of women in Roman society was a threat to the very identity of Christianity, considering that they were linked to the *ekklesia*.²² If , on the one hand, the use of props, for example, was associated , in addition to the erotic conquest and seduction, also the lack of control, vanity, greed, and vanity - something unacceptable to the bishops, on the other, expensive accessories denoted economic power and social influence, being necessary to the aristocracy kept the boundaries of demarcation, distinction

²⁰ ALEXANDRIA, Clemente de. The Pedagogus. In: SCHAFF, P. *The Early Church Fathers: Ante Nicene Fathers*. v.3, Edimburgo: T&T Clark, 2009.

²¹ VEYNE, P. O Império Romano. In: *História da Vida Privada: do Império Romano ao Ano mil*. São Paulo: Companhia de bolso, 2009.

²² A utilização de adornos não era exclusiva das mulheres provenientes das classes sociais mais ricas. Muitas escravas usavam anéis, colares e faziam penteados nos cabelos, até mesmo para imitar as mulheres mais abastadas. Os penteados, por exemplo, eram feitos nos momentos de lazer da escrava. Ressalte-se, ainda, que a elaboração de penteados era mais comum entre as mulheres de meia-idade (OSLON, 2008).

²³ VEYNE, P. O Império Romano. In: *História da Vida Privada: do Império*

²⁰ ALEXANDRIA, Clemente de. The Pedagogus. In: SCHAFF, P. *The Early Church Fathers: Ante Nicene Fathers*. v.3, Edimburgo: T&T Clark, 2009.

²¹ VEYNE, P. O Império Romano. In: *História da Vida Privada: do Império Romano ao Ano mil*. São Paulo: Companhia de bolso, 2009.

²² The use of loud was not exclusive to women from the higher social classes. Many slaves wore rings, necklaces and hairstyles were in her hair, even to imitate the wealthier women. Hair-styles, for example, were made in leisure time of the slave. It was also emphasized that the development of hairstyles was more common among middle-aged women (OSLON, 2008).

and social distance. For much of Greco-Roman society, wealth was celebrated as a virtue in contrast to poverty, seen as an addiction or as a defect (VEYNE, 2009).²³ The bishops, ascetics with their ideas, disdainful of such a stance because, for them, besides indicating a pagan conduct, acquire ornaments would be the fruit of pride and pride of women who would not adhere to Christian rules and differentiate socially enhancing identity the belief that they have adopted.

We also observed that art really required for women made with precious materials such as gold and silver, was seen as the “art of lust”, according to Clement of Alexandria (*Pedag.*, III, II).²⁴ Nevertheless, there was a “divine art” - according to Tertullian (*The apar. women*, II, III), By which man should abdicate in favor of the material from the spiritual, virtue and reason.²⁵ Tertullian even states the following: “Let’s throw away the ornaments land if we want spiritual” (*The apar. women*, II, XIII).²⁶ For one who belonged to the Roman aristocracy, the rich decoration of the houses needed to be maintained, so that, at the time to receive guests for a banquet, families could demonstrate their power, status and wealth. Although total revulsion to any decorative ornaments and luxurious clothing, Clement of Alexandria suggested that, for men only, it was lawful to use ring - seal with recorded images, such as the dove, the fish and the anchor. All images should have some relation with symbols of the Christian faith.²⁷

²³ VEYNE, P. O Império Romano. In: *História da Vida Privada: do Império Romano ao Ano mil*. São Paulo: Companhia de bolso, 2009.

²⁴ ALEXANDRIA, Clemente de. The Pedagogus. In: SCHAFF, P. *The Early Church Fathers: Ante Nicene Fathers*. v.3, Edimburgo: T&T Clark, 2009.

²⁵ TERTULIANO, On the Apparel of Women. In: SCHAFF, P. *The Early Church Fathers: Ante Nicene Fathers*. v.3, Edimburgo: T&T Clark, 2009.

²⁶ TERTULIANO, On the Apparel of Women. In: SCHAFF, P. *The Early Church Fathers: Ante Nicene Fathers*. v.3, Edimburgo: T&T Clark, 2009.

²⁷ Clement of Alexandria was born in Athens around AD 150. Son of pagan parents, educated in the mold of Neoplatonic philosophy, became known for his work as an apologist doing clashes with supporters of the Valentinian Gnostics shed. Stood out for its relentless pursuit to positively associate with Greek philosophy to Christian thought. Soon after his conversion, sought to unite the various masters of orthodox Christianity, but ended up creating his own school in Alexandria, important cultural center at the time, which would

seus ideais ascetas, desdenhavam de tal postura, pois, para eles, além de indicar uma conduta pagã, adquirir ornamentos seria fruto da soberba e do orgulho de mulheres que não queriam aderir às regras cristãs e se diferenciar socialmente realçando a identidade da crença que elas teriam adotado.

Observamos, ainda, que a arte muito requerida pelas mulheres, feita com materiais preciosos, como ouro e prata, era vista como a “arte da luxúria”, segundo Clemente de Alexandria (*Pedag.*, III, II).²⁴ Apesar disso, havia uma “arte plástica divina” – de acordo com Tertuliano (*A apar. das mulheres*, II, III), pela qual o homem deveria abdicar do material em favor do espiritual, da virtude e da razão.²⁵ Tertuliano chega a afirmar o seguinte: “Vamos jogar fora os ornamentos terrenos caso desejemos o espiritual” (*A apar. das mulheres*, II, XIII).²⁶ Para aquele que pertencia à aristocracia romana, a rica decoração das casas precisava ser mantida, a fim de que, na ocasião de se receberem convidados para um banquete, as famílias pudessem demonstrar seu poder, seu *status* e sua riqueza. Apesar da total repulsa a ornamentos decorativos e a qualquer indumentária luxuosa, Clemente de Alexandria sugeriu que, unicamente para os homens, era lícito usar anéis-selo com imagens gravadas, como a pomba, o peixe e a âncora. Ou seja: todas as imagens deveriam ter alguma relação com símbolos da fé cristã.²⁷

No discurso de Clemente, vemos o seguinte:

Romano ao Ano mil. São Paulo: Companhia de bolso, 2009.

²⁴ ALEXANDRIA, Clemente de. The Pedagogus. In: SCHAFF, P. *The Early Church Fathers: Ante Nicene Fathers*. v.3, Edimburgo: T&T Clark, 2009.

²⁵ TERTULIANO. On the Apparel of Women. In: SCHAFF, P. *The Early Church Fathers: Ante Nicene Fathers*. v.3, Edimburgo: T&T Clark, 2009.

²⁶ TERTULIANO. On the Apparel of Women. In: SCHAFF, P. *The Early Church Fathers: Ante Nicene Fathers*. v.3, Edimburgo: T&T Clark, 2009.

²⁷ Clemente de Alexandria nasceu em Atenas por volta do ano 150. Filho de pais pagãos, educado aos moldes da filosofia neoplatônica, ficou conhecido por seu trabalho como apologista fazendo duros embates aos gnósticos adeptos da vertente valentiniana. Destacou-se por sua busca incessante em associar positivamente a filosofia grega ao pensamento cristão. Logo após a sua conversão, buscou se unir a diversos mestres do Cristianismo ortodoxo, mas acabou criando sua própria escola em Alexandria, importante centro cultural na época, que teria o intuito de ensinar a “verdadeira gnose” segundo ele. Teve influência marcada no pensamento de Orígenes, seu discípulo direto. Clemente morreu por volta do ano 215, em Alexandria, e teve como suas principais obras *Exortação aos gregos*, *Disposições*, *Pedagogo* e *Miscelânea* (DREHER, 2007).

Nossos selos devem levar a imagem de uma pomba, de um peixe, de um navio em pleno vento; de uma lira da qual Polícrates costumava utilizar, ou de uma âncora a qual Seleuco gravou em seu anel. Se a figura mostra um pescador, faz alusão aos apóstolos e seus filhos que pescavam em água. Mas evitemos absolutamente representar ídolos, porque é proibido olhar para eles. Devemos também evitar o arco e a espada, porque combatemos pela paz; igualmente se deve evitar uma taça para que se continuemos a praticar a temperança (*Pedag.*, III, XI).²⁸

Afora isso, não observamos qualquer outro documento clerical que faça referências às artes pictográficas, o que nos mostra o total desinteresse e a repulsa dos bispos pelas manifestações artísticas (GRABAR, 1967).²⁹

Além de certos cristãos conversos do paganismo transitarem abertamente por todos os espaços públicos e manterem indumentárias e objetos decorativos comuns adotados na sua vida pagã passada, observamos, ainda, outra prática difusa entre alguns adeptos e simpatizantes do Cristianismo ortodoxo: a produção e a veneração de ícones. Sobre o assunto, um dos mais importantes testemunhos³⁰ está presente na obra *História Augusta*.³¹ Na biografia de Alexandre Severo, vemos o seguinte relato:

[...] Todas as manhãs, ele [o imperador Alexandre Severo] fazia devoções em seu larário, onde havia as imagens dos mais dignos entre os imperadores divinizados e de alguns dos melhores homens do bem, entre eles Apolônio (de Tiana) e – como disse um historiador da época – as imagens de Cristo, de Abraão, de Orfeu e de outros semelhantes, e, finalmente, o retrato dos seus próprios antepassados

²⁸ ALEXANDRIA, Clemente de. The Pedagogus. In: SCHAFF, P. *The Early Church Fathers: Ante Nicene Fathers*. v.3, Edimburgo: T&T Clark, 2009.

²⁹ GRABAR, André. *El primer Arte Cristiano (200-395)*. Madrid: Aguilar, 1967.

³⁰ A obra *História Augusta* é uma coletânea de biografias abrangendo o período que vai desde a ascensão de Adriano, em 117, até as mortes de Numeriano e de Carino em 284-285. Além da biografia dos principais imperadores (*Augusti*), o livro abrange a história dos corregentes e herdeiros presuntivos (*Caesares*), bem como dos usurpadores (*Tyranni*). A obra, preservada num códice do século IX (*Codex Palatinus Latinus*), teria sido editada nos séculos IV e V. A ela são atribuídas diversas autorias, a saber: Esparciano, Capitolino, Lamprídio e Galicano, compondo a primeira parte; Flávio Vopisco e Trebêlio Pólio, escrevendo a segunda parte (CORASSIN, 2001).

³¹ HISTÓRIA AUGUSTA. In: Loeb Classical Library, 1924.

In speaking of Clement, see the following:

Our seals must carry the image of a dove , a fish , a ship in full wind, a lyre which Polycrates used to use , or an anchor which Seleucus recorded on your ring. If the figure shows a fisherman, refers to the apostles and their children who were fishing in water . But shun absolutely represent idols , because it is forbidden to look at them . We must also avoid the bow and sword, because we fight for peace, one must also avoid a glass to which we continue to practice temperance (*Pedag.*, III, XI).²⁸

Aside from that, we did not observe any other clerical document that references the pictographic art, which shows the total disinterest and disgust of bishops by the artistic manifestations (GRABAR, 1967).²⁹

Apart from certain Christian converts from paganism openly carried forward by all public spaces and maintain common costumes and decorative objects adopted in its last pagan life, observed also another widespread practice among some fans and supporters of orthodox Christianity: the production and the veneration of icons. On the subject,³⁰ one of the most important testimonies is present

have the purpose of teaching the “true gnosis” he said. Had marked influence on the thought of Origen, his direct disciple. Clemente died around the year 215 in Alexandria, and had as its main works Exhortation to the Greeks, provisions, *Educator and Miscellany* (DREHER 2007).

²⁸ ALEXANDRIA, Clemente de. The Pedagogus. In: SCHAFF, P. *The Early Church Fathers: Ante Nicene Fathers*. v.3, Edimburgo: T&T Clark, 2009.

²⁹ GRABAR, André. *El primer Arte Cristiano (200-395)*. Madrid: Aguilar, 1967.

³⁰ The work *Historia Augusta* is a collection of biographies covering the period from the rise of Hadrian in 117 until the deaths of Numerian and Carino at 284-285. Besides the main biography of emperors (*Augusti*), the book covers the history of co-rulers and presumptive heirs (*Caesares*), as well as usurpers (*Tyranni*). The work, preserved in a ninth-century Codex (*Codex Palatinus Latinus*), have been published in the fourth and fifth centuries To it are assigned different authorship, namely: Esparciano, Capitoline, and Lampridio Galicano, composing the first part; Flávio Vopiscus and Trebêlio Polio, writing the second part (CORASSIN, 2001).

in the work *Historia Augusta*.³¹ In the biography of Alexander Severus, see the following report:

[...] Every morning, he [the Emperor Alexander Severus] did in his devotions larário where there were pictures of the worthiest among the deified emperors and some of the best men of good, among them Apollonius (of Tyana) and - as a historian of the period said - the images of Christ, Abraham, Orpheus, and the like, and finally the portrait of his own ancestors [...] (2, 29, II).

Alexander Severus, who reigned between the years 222 and 235, gave special treatment to Christians. Eusebius of Caesarea, *Ecclesiastical History* at work (VI, 21, 3-4), states that his mother was a “woman of the most religious.” Origen would have spent time with her “exposing him many questions for God’s glory and praise of the virtue of divine doctrine” (VI, 21, 4).³² Apparently, however, neither the emperor nor his mother had converted to Christianity. Even because the emperor was responsible for restoring various temples and statues of the goddess Isis, as *Iseum Campense* (CURL, 2005).³³ We can say, yes, they were sympathetic, pseudo-Christians, or even Christians border, which accepted some Christian practices without rejecting pagan customs.

We also observed that in the context of private worship, as practice shows the emperor, paganism to Christianity existed together. In paganism, religious life involved the public worship (go to the temple, for example) and private worship (devotion at home in the oratory) (Fig. 3). However, despite this division, the public and private worship two spheres were not in opposition. Quite the contrary, in the Roman world, the private worship takes place in public worship and vice versa (GRADEL, 2004).³⁴

³¹ HISTÓRIA AUGUSTA. In: Loeb Classical Library, 1924.

³² CESAREA, Eusébio de. *História eclesiástica*. 2. ed. Madrid: BAC, 1997.

³³ CURL, J. S. *The Egyptian Revival: Ancient Egypt as The Inspiration For Design Motifs In the West*. Nova York: Routledge, 2005.

³⁴ GRADEL, I. *Emperor worship and Roman religion*. Oxford: Oxford Univeristy Press, 2004.

[...] (2, 29, II).

Alexandre Severo, que reinou entre os anos 222 e 235, deu um tratamento diferenciado aos cristãos. Eusébio de Cesareia, na obra *História Eclesiástica* (VI, 21, 3-4), afirma que sua mãe era uma “mulher das mais religiosas”. Orígenes teria passado um tempo com ela “expondo-lhe grande número de questões para a glória de Deus e louvor da virtude da doutrina divina” (VI, 21, 4).³² Ao que parece, no entanto, nem o imperador, nem sua mãe, teriam se convertido ao Cristianismo. Mesmo porque o imperador foi responsável por restaurar diversas estátuas e templos da deusa Ísis, tal como o *Iseum Campense* (CURL, 2005).³³ Podemos afirmar, sim, que eles eram simpatizantes, filocristãos, ou mesmo cristãos de fronteira, os quais aceitavam algumas práticas cristãs sem rechaçar os costumes pagãos.

Observamos, ainda, que no âmbito de culto privado, como mostra a prática do imperador, o paganism existiu junto ao Cristianismo. No paganism, a vida religiosa envolvia o culto público (ir ao templo, por exemplo) e o culto privado (a devoção no lar, no larário, no oratório) [Figura 3]. No entanto, apesar dessa divisão, o culto público e o privado não eram duas esferas em oposição. Muito pelo contrário, no mundo romano, o culto privado toma seu lugar no culto público e vice-versa (GRADEL, 2004).³⁴

Um dos autores que mais bem explicam essas formas culturais é o gramático Marco Vérrio Flaco, que viveu no século II (FLACO, 2013).³⁵ Em sua obra *O significado das palavras*, redigida por Festo, ele afirma:

O rito público [*quae publico*] são aquelas cerimônias religiosas feitas com o dinheiro público para o povo, e também para as (pessoas nas) montanhas [*montibus*], para as (pessoas nos) distritos [*pagis*], para as (pessoas nas) cúrias [*curis*], para as (pessoas nas) capelas

³² CESAREA, Eusébio de. *História eclesiástica*. 2. ed. Madrid: BAC, 1997.

³³ CURL, J. S. *The Egyptian Revival: Ancient Egypt as The Inspiration For Design Motifs In the West*. Nova York: Routledge, 2005.

³⁴ GRADEL, I. *Emperor worship and Roman religion*. Oxford: Oxford Univeristy Press, 2004.

³⁵ FLACO, Vérrio. O significado das palavras. In: RUY, M. L. *De verborum significatu: análise e tradução*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

[*sacellis*]. Mas as cerimônias religiosas privadas [*privata quae*] são aquelas feitas para todos os homens, por um interesse individual das pessoas, para as famílias, para os povos (*Publica Sacra* [verbetes], p. 140, 2ª parte) (FLACO, 2013).

Sobre os cultos privados, principalmente os que envolviam veneração aos ícones, os sacerdotes cristãos se mostravam em completo desacordo. Eusébio de Cesareia tem uma posição bastante peculiar a esse respeito. Ele afirma em sua obra:

Uma vez que evoquei a lembrança desta cidade [Paneas], não considero justo omitir uma narrativa digna de memória até para os pósteros. Com efeito, diz-se ter sido oriunda deste lugar a mulher com fluxo de sangue que, conforme narram os santos evangelhos, encontrou junto do Senhor a cura de seus males. Mostra-se na cidade sua casa, e subsistem admiráveis monumentos da beneficência do Salvador para com ela. Com efeito, sobre um rochedo elevado, diante das portas da casa, ergue-se uma estátua feminina de bronze. Ela tem os joelhos dobrados, as mãos estendidas para frente, em atitude suplicante. Diante dela há outra estátua da mesma matéria, representando um homem de pé, sobre uma coluna, parece brotar uma planta estranha que se eleva até as franjas do manto de bronze; é o antídoto de doenças de toda espécie. Assegurava-se que a estátua é imagem de Jesus; ela subsiste ainda até hoje, de sorte que nós a vimos ao visitarmos a cidade. Não é de admirar que outrora pagãos beneficiados por nosso Salvador a tenham erguido [a imagem], quando sabemos terem sido preservados ícones pintados em cores dos apóstolos Pedro e Paulo e do próprio Cristo. É natural, pois os antigos, segundo um uso pagão entre eles observado, tinham o costume de honrá-los desta maneira sem preconceitos, quais salvadores (*Hist. Ecles. VII, 18:1-4, grifos nossos*).³⁶

O relato supratranscrito nos parece elucidativo, haja vista ser uma evidência da utilização de imagens cristãs por supostos pagãos. É preciso reconhecer, no entanto, que apesar de Eusébio deixar claro que adorar ícones era uma herança pagã, o bispo não se mostra afrontado quanto a tal prática. Embora Eusébio afirme que os ícones tinham sido feitos por pagãos, até mesmo para não polemizar o assunto, acreditamos que ele tenha omitido a verdadeira identidade dos devotos, que acreditamos pudessem ser cristãos de fronteira, filocristãos. Até porque os ícones sagra-

One of the authors that best explains these cultic forms is the grammarian Verrio Marco Flaco, who lived in the second century (FLACO, 2013).³⁵ In his work *The meaning of words*, written by Festo, he says:

The public rite [*public quae*] are those made with religious ceremonies the public money to the people, and also for (the people) mountains [*montibus*], for (people in) [*pagis*] districts, for (the people) curies [*curis*], for (the people) chapels [*sacellis*]. But religious ceremonies private [*privata quae*] are those made for all men, for an individual interest of the people, for families, for people (*Publica Sacra* [entry], p.140, part 2) (FLACO, 2013).

On private services, especially those involving veneration of icons, the Christian priests showed themselves in complete disagreement. Eusebius of Caesarea has a rather peculiar position in this regard. He states in his book:

Once evoked the memory of this city [Paneas], do not consider it fair to omit a worthy narrative to memory for posterity. Indeed, it is said to have been originated from this place the woman with an issue of blood, as the Gospels recount Saints, met with the Lord to cure their ills. Shows up in his home city, and admirable monuments remain of kindness toward her Savior. Indeed, on a high cliff, before the doors of the house, stands a bronze statue female. She has bent knees, hands extended forward in suppliant attitude. In front of her there is another statue of the same matter, representing a man standing on a column, seems to spring a strange plant that rises to the fringes of the mantle of brass, is the antidote to all sorts of diseases. Made sure that the statue is an image of Jesus, it still remains to this day, so that we saw while visiting the city. No wonder that once pagan benefited by our Saviour to have erected [the image], when we painted in colors of the apostles Peter and Paul and of Christ Himself icons have been preserved. It is natural, because the former, according to a pagan use observed among them, were wont to honor them in this way without prejudice, which

³⁶ CESAREA, Eusébio de. *História eclesiástica*. 2. ed. Madrid: BAC, 1997.

³⁵ FLACO, Vério. O significado das palavras. In: RUY, M. L. *De verborum significatur: análise e tradução*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

rescuers (*Hist. Eccl.* VII, 18:1-4, emphasis added).³⁶

The report transcript seems instructive considering be evidence of the use of Christian imagery by pagans alleged. It must be recognized, however, that although Eusebius icons make it clear that worship was a pagan heritage, the bishop shows not outraged about the practice. Although Eusebius states that the icons have been made by pagans, even for not arguing the matter, we believe that he has omitted the true identity of devotees who believe they could be Christians border, pseudo-Christian. Especially because the sacred, in the ecclesiastical context, icons seem to have been accepted in some places, as seen in excerpts of the 81 Canons of the Synod of Elvira, dating from the early fourth century.

Candles are not to be burned in a cemetery during the day. This practice is related to paganism and is detrimental to Christians. Those who do have denied communion in *ekklesia*. Women should not remain in a cemetery at night. Some engage in evil instead of prayers. The images should not be worshiped in the *ekklesia*, which should not be worshiped, adorned and painted the walls. The faithful are warned to avoid, as much as they can, that the idols are kept in their properties. If, however, they (the faithful) fear being raped by his servants the such should at least remain pure. If they do not, consider the *ekklesia* is unrelated. (Proceedings of Conc. Elvira, 34, 35, 36, 41).³⁷

The above excerpt shows that many were openly Christian customs related to paganism, which we mention: the use of candles, visits to cemeteries and devotion to icons. On the use of candles and visits to cemeteries, the ban was due to the fact that there was a current idea that when acceded candles during the day in the necropolis of the saints, the spirits of these would be bothered. Moreover, the bishops feared the neophytes maintain the alleged “pagan superstitions” next to Christian practices and would cause the “contamination” of other be-

dos, no contexto eclesiástico, parecem ter sido aceitos em alguns locais, como vemos em excertos dos 81 Cânones do Sínodo de Elvira, datado do início do século IV.

Velas não são para serem queimadas em um cemitério durante o dia. Esta prática está relacionada com o paganismo e é prejudicial para os cristãos. Aqueles que fazem terão a comunhão negada na *ekklesia*. As mulheres não devem permanecer em um cemitério durante a noite. Algumas se envolvem em maldades em vez de orações. As imagens não devem ser veneradas na *ekklesia*, as quais não devem ser adoradas, adornadas e pintadas nas paredes. Os fiéis são alertados a evitar, o quanto puderem, que os ídolos sejam mantidos em suas propriedades. Se, no entanto, eles (os fiéis) temerem ser violentados por seus servos, os tais devem, pelo menos, se manter puros. Se não o fizerem, da *ekklesia* considerem-se alheios (*Atas do Conc. de Elvira*, 34, 35, 36, 41).³⁷

O trecho acima demonstra que diversos foram os costumes cristãos abertamente relacionados ao paganismo, os quais podemos citar: à utilização de velas, às visitas a cemitérios e à devoção a ícones. Sobre a utilização de velas e visitas a cemitérios, a proibição se deu pelo fato de que havia uma ideia corrente de que ao acender velas durante o dia nas necrópoles dos santos, os espíritos ficariam incomodados. Além disso, os bispos temiam que os neófitos mantivessem as supostas “superstições pagãs” junto às práticas cristãs e causassem a “contaminação” de outros fiéis. Acerca da veneração aos ícones, muitos pesquisadores questionam a qual tipo de imagem o documento estaria se referindo. Alguns afirmam que seria uma proibição somente as figuras que representassem Deus. Outros estudiosos, com os quais nós comungamos, dizem que nos templos, de uma maneira geral, estava vetado o uso de qualquer imagem sagrada, mesmo porque se fosse algo diferente disso, provavelmente haveria uma especificação. No que concerne a manter imagens em casa, entendemos que o Cânone esteja se referindo à situação de alguns senhores cristãos que possuíam servos pagãos que trabalhavam no campo. Neste caso, a recomendação era para os cristãos não tolerarem os ídolos de seus servos em suas propriedades. Isto não se restringia somente à residência privada, mas a todas aquelas que se agregavam aos domínios do senhor. A abordagem feita

³⁶ CESAREA, Eusébio de. *História eclesiástica*. 2. ed. Madrid: BAC, 1997.

³⁷ CÂNONES DO CONCÍLIO DE ELVIRA. Available at: <http://www.earlychurchtexts.com/public/elvira_canons.htm> Access on: 4 de abril de 2013.

³⁷ CÂNONES DO CONCÍLIO DE ELVIRA. Disponível em: <http://www.earlychurchtexts.com/public/elvira_canons.htm> Acesso em: 4 de abril de 2013.

pelos Cânones do Sínodo de Elvira nos faz concluir que o fato de os sacerdotes cristãos estarem legislando contra as práticas pagãs nos leva a crer que tais deveriam ter sido comuns entre os cristãos, como no caso da devoção aos ícones.

Apesar de o excerto anterior indicar que havia congregações que já deveriam confeccionar figuras artísticas cristãs, os primeiros veneradores dos ícones eram como o imperador Alexandre Severo, como os supostos pagãos relatados por Eusébio ou mesmo como as matronas representadas nas catacumbas e descritas no contra-ataque de Clemente de Alexandria e Tertuliano. Tais estavam no limiar do paganismo e do Cristianismo, pois, além de circular pelos diversos espaços públicos da sociedade, de portar uma indumentária comum aos usos pagãos e de decorar suas casas com artigos de luxo, os cristãos de fronteira praticavam um culto privado híbrido e um culto público ortodoxo, concomitantemente. Desse modo, a ocupação de tal posição limítrofe por parte destes filocristãos possibilitou que o próprio Cristianismo pudesse ser modificado quanto à sua forma cultural e doutrinal.

lievers. About the veneration of icons, many researchers question what kind of image the document was referring to. Some argue that a ban would only figures that represented God. Other scholars, which we agree, and say that in the temples, in general, was vetoed the use of any sacred image, because even if it was something different that there would probably be a specification. Regarding the images keep at home, we understand that the Canon is referring the situation in some Christian gentlemen who had pagan servants working in the field. In this case, the recommendation was that Christians do not tolerate idols of his servants on their properties. This was not confined only to private residence, but all those who aggregated the fields of the Lord. The approach taken by the Canons of the Synod of Elvira makes us conclude that the fact that Christians are priests legislating against pagan practices, leads us to believe that such should have been common among Christians, as in the case of devotion to icons.

While the above quote indicates that there were congregations that should already fabricate Christian artistic figures, the first worshipers of the icons were like the Emperor Alexander Severus, as reported by Eusebius as matrons or even represented in the catacombs and described on the counterattack pagans alleged Clement of Alexandria and Tertullian. These were on the verge of paganism and Christianity, because in addition to cycle through various public spaces of society to bear a common dress to Pagan Usage and decorate their homes with luxury items, Christians border practiced a hybrid and private worship an Orthodox public worship concurrently. Thus, the occupation of such borderline position by these pseudo-Christians enabled Christianity itself could be modified as to its doctrinal and cultic form.



Figura 1 — Nome: *Mulher orante*. Localização: Roma. Data: Séc. IV. Acervo: Catacumba de São Calisto. Detalhes: Afresco bidimensional. Fonte: Nicolai, 2000.



Figura 2 — Nome: *Dionysas in Pace*. Localização: Roma Data: Séc. IV. Acervo: Catacumba de São Calisto. Detalhes: Afresco bidimensional. Fonte: <http://www.catacombsociety.org>



Figura 3 — Nome: Oratório em uma casa de Pompeia. Localização: Pompeia. Dimensão: 1,20 m. de altura. Data: Séc. I. Acervo: Sítio Arqueológico de Pompeia. Detalhes: Oratório esculpido em pedra incrustado com cimento romano. Fonte: Arquivo pessoal.